

Livro póstumo do antropólogo Darcy Ribeiro, intitulado *Confissões*, foi escrito sob a angústia narrativa da perda

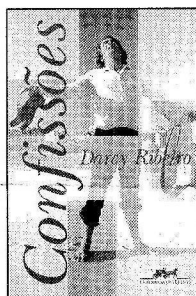
NECESSIDADE DE NARRAR

Sérgio de Sá
Da equipe do **Correio**

COMO NÃO PODERIA SER DIFERENTE, AS *CONFISSÕES* DE DARCY RIBEIRO SÃO FEITAS DE VIDA. DO MENINO DE MOC — ABREVIATURA PARA MONTES CLAROS — AO ANTROPÓLOGO RESPEITADO NO PAÍS INTEIRO, ELE CONFESSA QUE VIVER É MARAVILHOSO. PAUSA. NADA TANTO ASSIM. A MORTE É SOMBRA QUE TOMA CONTA DO ESCRITOR DARCY RIBEIRO. ELA ESTÁ NA PRESSA, NA ÂNSIA DE TENTAR REGISTRAR TUDO E TODOS.

Darcy (a intimidade vem do tom do livro) salta no tempo, volta atrás, não mantém o rigor. Não seria mesmo de seu feitio, ao menos para quem não está fazendo um estudo de campo, um trabalho acadêmico. Mas há algo nessas páginas de inúmeras histórias, onde a memória trabalhou arduamente, algo que pretende deixar seus feitos para sempre mas que foi atropelado pela urgência. O câncer parece afetar a estrutura das *Confissões*.

Não tira, contudo, seu valor de registro dos bastidores da política nacional, dos bastidores da política pessoal de alguém que se confundiu com o que pregava. O lugar-comum das noites, todas elas, apesar de Darcy negar a fama de “fodador perigoso”: “A minha cara ou o meu jeito levam as pessoas a imaginar essas bobagens sobre mim. Sempre fui um tímido, só que ninguém percebe isso.”



Claudio Versiani



Em seu livro de memórias, Darcy Ribeiro expõe sonhos que não pôde viver, como a filmagem do romance *Maíra*

O leitor, então, segue o “tímido” Darcy — que sempre falou e escreveu pelos cotovelos — por 16, poderíamos dizer, capítulos temáticos. Todos eles abertos por ilustrações de Oscar Niemeyer. Desenhos que tentam captar, em traços econômicos, a essência de cada capítulo. Existe uma suposta ordem cronológica. De Moc para Belô, daí para Sampa. Em seguida, os índios, a inestimável experiência com educação, as passagens por governos, três exílios. A vol-

ta, as oposições, o senado.

Adiante, a parte chamada *Gozos e Provações* é aberta pelo capítulo *Vida*. Aí, Darcy Ribeiro não esconde o que todo mundo sempre soube: sua humana vaidade, que é o tiro de largada para a correria das explicações e justificativas reunidas nesse largo volume. Para o calhamaço não se aconselha uma leitura linear. O leitor abre aqui e acolá para descobrir algumas deliciosas memórias, como a do “horroroso” romance escrito

aos vinte anos. Não estão escritas à perfeição (nem se poderia pedir isso), mas refletem o caráter de um homem nada normal.

Confissões exibem sonhos que ele não pôde viver, como a filmagem de seu romance *Maíra* ou a criação da sede da Fundação Darcy Ribeiro no campus da Universidade de Brasília, que foi batizado com seu nome. A UnB, aliás, é tratada como “minha filha”, com o carinho que ela talvez não tenha sabido retribuir a Darcy, espe-

TRECHOS

“A ditadura militar, nos seus vinte anos de despotismo, tudo degradou. O que era bom estragou. O que já era ruim piorou. Na economia, de milagre em milagre, empobreceu impiedosamente o povo já miserável, e enriqueceu nababescamente os capitalistas parasitários da especulação e seus associados das empresas estrangeiras.

No plano cultural, a ação da ditadura foi um descalabro. Os brasileiros mais lúcidos foram exilados ou, ficando aqui, se viram confinados e impedidos de exercer qualquer influência. Deixaram assim de multiplicar-se em novas gerações de pensadores, de cientistas e artistas criativos competentes e fiéis a seu povo.

cialmente em sua fase mais militar.

O cuidado para com os índios está na obra porque esteve com Darcy durante toda a vida. E é o mesmo cuidado que ele tem em relação ao Brasil. Seu exacerbado nacionalismo, que tem na declaração de amor a Getúlio Vargas um sinal claro, persegue as palavras confessadas. Darcy construiu sua identidade amparado na nação e foi um dos que tentaram enxergar identidade cultural para o país.

O resumo do livro está à página 529, no último parágrafo de *Ética*. Darcy afirma não temer a morte. Continua: “O que me dói é a dor de perder a vida, misturada com saudade dos gozos que ela me deu”. *Confissões* são os gozos (e os egos) do menino, do estudante, do antropólogo, do intelectual, do político, do educador e do amante Darcy Ribeiro. Vistos sob a angústia narrativa da perda. Que foi a de todos nós, admiradores ou não, quando ele se foi e deixou muitas histórias a serem narradas.

SERVIÇO

CONFISSÕES

Livro de Darcy Ribeiro, com ilustrações de Oscar Niemeyer. Companhia das Letras, 585 páginas, R\$ 31,00.

MAIS VENDIDOS

MAIS VENDIDOS

FICÇÃO

1 O PLANO PERFEITO
Sidney Sheldon

2 O SÓCIO
John Grisham

3 O TERCEIRO GÊMEO
Ken Follet

4 ASTERIX, A GALERA DE OBELIX
Uderzo/Goscinnny

5 ÍCONE
Frederick Forsyth